

LETRAMENTO ACADÊMICO: UMA PROPOSTA PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DO GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

Cássio Kennedy de Sá ANDRADE*
cassio.kennedy@gmail.com - UFPB
Marilene Gomes de SOUSA*
marilenegomes92@hotmail.com - UFPB
Priscila Andrade Souza NOGUEIRA**
syllacg21@hotmail.com - IFPB/UFPB

RESUMO

O contexto universitário exige cada vez mais que os estudantes adentrem e saibam manejar as ferramentas próprias do universo da leitura e da escrita científica. Tais exigências acadêmicas provocam nos estudantes a sede pelo desenvolvimento de gêneros textuais tais como resumos, resenhas, ensaios, artigos etc. É importante, pois, discutir sobre o tema Letramento Acadêmico e seu reflexo ante o fazer científico no âmbito das universidades. Para tanto, tem-se por objetivo refletir sobre o que é letramento acadêmico para, em seguida, lograr compreensão acerca do gênero artigo científico e constatar de que modo o letramento acadêmico auxilia na realização e documentação de investigações científicas. Os estudos de Pereira *et al.* (2014) facultaram a percepção ampla das propostas de letramento postas em diferentes cursos de graduação, enfatizando-se aqui a influência da proposta de escrita acadêmica como forma de prática social direcionada e, conseqüentemente, baseada nas construções de sentido. Nesse diapasão, são pertinentes também as considerações de Kleiman (2007), e Zavala (2010) como embasamento para a teoria apresentada e para o exame das discussões postas acerca do letramento e suas significações. A pesquisa é qualitativa e se baseia na descrição, análise e interpretação dos dados

* Alunos do Curso de Pós-graduação em Linguística - PROLING da Universidade Federal da Paraíba - UFPB no nível mestrado.

** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus Sousa e aluna do Curso de Pós-graduação em Linguística - PROLING da Universidade Federal da Paraíba - UFPB no nível mestrado.

coletados, o método de abordagem é o dedutivo e, precipuamente, o interpretativo de procedimento. O *corpus* constitui-se de diferentes artigos científicos de autoria de um aluno de graduação do curso de Letras da UEPB, participante de programa de iniciação científica. A par do estudo realizado, firma-se o entendimento de que o gênero artigo científico pode ser trabalhado com os alunos, no decorrer dos cursos de graduação, inserindo-se em uma proposta de letramento como prática social e favorecendo a que a construção de sentidos ocorra, sobretudo, a partir de textos.

Palavras-chave: Letramento acadêmico. Artigo científico. Construção de sentidos.

Introdução

Os alunos que adentram no contexto universitário se deparam com uma grande variedade de textos escritos, os quais lhes servirão de base para o desenvolvimento de suas atividades dentro da universidade. Além da prática de leitura de textos científicos, o ambiente acadêmico exige também que seus alunos adentrem nas práticas de escritas acadêmicas, como forma de incentivo à produção e circulação do saber dentro e fora das universidades.

Destarte, a temática do letramento acadêmico é de fundamental importância, pois é nesta perspectiva de escrita como prática social, que os alunos muitas vezes sentem dificuldade em desenvolver gêneros textuais de cunho científico, tais como resumos, resenhas, ensaios, artigos etc., em virtude da pouca familiaridade que possuem com estes textos, enquanto recém-ingressos no contexto acadêmico; com efeito, tais dificuldades já foram apontadas em trabalhos como os de Zavala (2010).

A proposta é travar uma breve discussão sobre o letramento acadêmico e, com base no *corpus* coletado, fazer uma microanálise das sessões de introdução de 3 artigos científicos elaborados por um mesmo autor, com vistas a observar se os movimentos retóricos propostos por Swales (1990) se apresentam nas sessões de introdução e se estes mesmos movimentos colaboram de modo a facilitar a escrita baseada nas construções de sentido. Toma-se por fundamento para este estudo um

trabalho já realizado por Sousa (2014), a qual, fulcrada na proposta de Swales (1990) constatara melhora significativa nas sessões de introdução em virtude da apropriação dos procedimentos de pesquisa por parte dos alunos, caracterizando assim o discurso científico.

Com alicerce na análise feita dos trabalhos que formam o *corpus* desta pesquisa, constatou-se que em nenhuma das sessões de introdução dos artigos o autor conseguiu seguir todos os passos dos movimentos retóricos propostos por Swales (1990) e que isso, de maneira alguma, impedira a construção sentido do texto.

Outrossim, de forma a que melhor se apresente a temática em questão, o primeiro tópico trata das práticas de escrita acadêmica, no segundo tópico se apresentam as configurações do artigo científico junto a teoria dos movimentos retóricos e, logo após, a metodologia adotada neste trabalho, seguida da análise e discussão dos dados.

Práticas de letramento na universidade: breves reflexões

Certo é que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos estudantes recém-chegados à Universidade; uma delas é adentrar no discurso acadêmico, sobretudo ler e produzir textos científicos, uma exigência que é frequente em todas as instituições de ensino superior. A maioria dos alunos, embora tenham tido contato com uma diversidade enorme de textos durante o ensino médio, não há garantia de que estejam aptos a lidarem com as demandas de letramento exigidas na Universidade, e isso se dá, primordialmente, em razão da ausência de contato prévio com o discurso acadêmico, tal como afirma Zavala (2010, p. 72). Com efeito, os problemas com a escrita na Universidade derivam, basicamente, da falta de familiaridade com discursos de cunho acadêmico.

Os alunos universitários são sujeitos sócio-históricos, vez que provindos das mais diversas camadas sociais, cujas vivências e realidades são também diversificadas. Destarte, impor-lhes um modelo de escrita não habitual configura enorme

problemática que se faz presente nas salas de aula de muitas Universidades. Kleiman (2005) alerta que as práticas de letramento têm por objetivo desenvolver as habilidades e competências discentes, sejam ou não relevantes para eles, pois “[...] a língua escrita é uma das barreiras mais difíceis de serem transpostas [...]”. (KLEIMAN, 2005, p. 33).

O letramento consiste em um processo que remete os alunos à observação e interação com membros de um contexto específico até que as formas de falar, atuar, pensar, sentir e valorizar desses membros se tornem naturais para eles (ZAVALA, 2010, p.73); assim, não se trata de uma habilidade que pode ser aprendida formalmente, seguindo-se um manual.

Nesse diapasão, para que estes alunos se situem no contexto acadêmico, possuir habilidades com a leitura e escrita de textos acadêmicos não é suficiente, pois é também necessário que o sujeito seja capaz de adquirir uma nova identidade e, a partir dela, descobrir novas práticas discursivas, entendendo-se por identidade, nesse contexto, especificamente algo mutável e flexível. Nesses termos, Hoffnagel (2010, p.64) defende que a identidade é “[...] uma realização interacional, negociada e alcançada em eventos comuns, como traços constitutivos de encontros sociais [...]”.

Assim é possível construir e assumir diferentes identidades, tal como a proposta bakhtiniana de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003), que se estabelecem conforme o surgimento de novas esferas da atividade humana, demandando finalidades discursivas específicas.

É importante lembrar também que os professores universitários naturalmente exigem que seus alunos passem a utilizar a escrita acadêmica, tendo em vista que, uma vez iniciados em curso superior, estes alunos são capazes de lidar com o letramento acadêmico, porém, é sabido que as práticas de letramento surgem conforme a necessidade pessoal de quem escreve e também pelo contato com textos acadêmicos que atravessam o tempo até se tornarem relevantes socialmente para os estudantes, ou seja “[...] a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida.”. (VIGOTSKY, 2007, p. 144).

Destarte, adentrar na tradição da escrita intelectualizada é uma obrigação a ser cumprida pelos estudantes universitários remetendo, por consequência, ao distanciamento discursivo. Tal escrita distanciada acaba por anular o afetivo e o emocional que estão arraigados nos discursos estudantis, dando abertura para construção do conhecimento realmente tido como relevante para a aquisição do saber acadêmico científico. Zavala (2010) afirma que: “Os professores não são conscientes de que a evolução da escrita acadêmica no contexto de uma tradição intelectual e cultural dominante coloca obstáculos para estudantes de grupos minoritários em sua vida acadêmica.”. (ZAVALA, 2010, p. 90).

A anulação do conhecimento de mundo e da formação sociocultural do estudante é um problema persistente no contexto de produção científica; um tal contexto que acaba permitindo ao estudante perder parte de sua identidade ao adentrar no discurso e nas práticas de letramento acadêmico; sendo este aluno incapaz de desempenhar satisfatoriamente o exigido pelos professores, muitas vezes é considerado limitado e problemático, quando comparado aos outros estudantes que conseguem cumprir as exigências do contexto de produção científica.

Definindo o gênero artigo científico

O artigo acadêmico-científico tem por objetivo estabelecer a comunicação entre uma comunidade formada principalmente por pesquisadores, professores e alunos de graduação e pós-graduação, ou seja, constitui-se a principal forma de veiculação e divulgação do saber acadêmico e científico.

Os artigos “[...] são trabalhos técnico-científicos, escritos por um ou mais autores, com a finalidade de divulgar a síntese analítica de estudos e resultados de pesquisas.”. (LEIBRUDER, 2000).

Segundo Bakhtin (1979, *apud* MARCUSCHI, 2008): “[...] os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como membros de alguma comunidade [...]”; desta forma, trabalhar com gêneros textuais é de extrema importância, sobretudo

para que os alunos possam desenvolver suas habilidades comunicativas baseadas em outros mais diversos gêneros textuais que permeiam o cotidiano.

Nesta mesma linha de pensamento, Koch (2014) afirma que todas as interações ocorrem por meio de gêneros textuais específicos, os quais cada pessoa utiliza se baseando em modelos disponíveis e constituídos ao longo da história através das práticas sociais:

A escolha do gênero textual depende da intenção do sujeito e da situação social comunicativa em que está inserido: quem ele é para quem escreve, com que finalidade e em que contexto histórico ocorre a comunicação. (KOCH, 2014, p. 11).

A linguagem define-se como uma atividade sócio-interativa; dessa forma, entende-se por compreensão uma atividade de construção de sentido que emerge de uma relação estabelecida entre dois sujeitos, a saber, um “eu” e um “tu” ou seja, concebe-se que o gênero textual está sempre atrelado à uma ação social. Assim, é importante considerar o interlocutor a todo momento, durante as atividades sócio-interativas, tal como propõem Koch e Elias (2015):

Existe, porém, uma concepção segundo a qual a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional. (KOCH; ELIAS, 2015, p. 34). (Grifo do autor).

Tomando-se ainda a concepção interacional da língua, tanto o autor de um texto quanto seu interlocutor são entendidos como “[...] atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto.”. (KOCH; ELIAS, 2015, p. 34).

Swales (1990) lança, então, a proposta da noção de “propósito comunicativo” e, conforme Sousa (2014), é através desse propósito que se delineia a fórmula, o conteúdo e o estilo de um gênero, se relacionando também com a noção de

comunidade discursiva; esta comunidade, de acordo com a autora, tem em comum um conjunto de propósitos comunicativos públicos para realizar diferentes ações sociorretóricas.

Outrossim, no quadro abaixo apresenta-se o modelo desenvolvido por Swales (1990), o qual fora criado para fins de análise de introduções de artigos de pesquisa, e também fora e ainda é muitas vezes utilizado como modelo de análise também, uma vez que fora considerado uma maneira de ensinar esse gênero, seguindo a ideia de propósito comunicativo.

Modelo CARS* de Swales

Movimento 1:	Estabelecer um território
Passo 1	Asseverar a importância do assunto e/ou
Passo 2	Fazer generalizações sobre o assunto e/ou
Passo 3	Revisar itens de pesquisa prévia
Movimento 2:	Estabelecer um nicho
Passo 1A	Apresentar argumentos contrários a estudos prévios
Passo 1B	ou
Passo 1C	Identificar lacunas no conhecimento ou
Passo 1D	Fazer questionamentos ou Continuar uma tradição
Movimento 3	Ocupar o nicho
Passo 1A	Esboçar os objetivos ou
Passo 1B	Anunciar a presente pesquisa
Passo 2	Anunciar principais resultados
Passo 3	Indicar a estrutura do artigo

*Create a Research Space.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, baseada na descrição, análise e interpretação do *corpus* coletado, constituído por 3 (três) diferentes artigos científicos de autoria de um aluno de graduação do curso de Letras da UEPB, participante de programa de iniciação científica, artigos estes produzidos e apresentados durante os anos de 2008 e 2009.

O enfoque deste estudo recai sobre as seções de introdução dos artigos, uma vez que “[...] a introdução é uma das partes do artigo de pesquisa que merece bastante atenção, pois é a partir dela que o leitor terá razões ou não de seguir a leitura do texto, daí seu viés argumentativo.” (SOUSA, 2014, p. 317-318).

Para análise dos textos, tomou-se como parâmetro os trabalhos de Swales (1990) já apresentados previamente, cumprindo esclarecer que se considerou a proposta de Swales (1990) exclusivamente como modelo para análise das seções de introdução e não como regras a serem rígida e necessariamente seguidas durante o processo criativo do artigo científico.

Análise dos dados e discussão

Texto 1

O homem, como ser social, utiliza-se diariamente de meios linguísticos, escritos ou orais, que fundamentam o ato da comunicação. Partindo desse princípio, de que a língua é uma atividade social, é fácil perceber o caráter indispensável dos gêneros textuais, uma vez que estes são entidades sócio-comunicativas.

Este fato despertou-nos para a realização de uma pesquisa destinada ao estudo do gênero textual, mais especificamente a “capa de revista”, pois, se por um lado ainda é pouco abordado, por outro, proporciona em um só meio várias formas de

expressão, tais como aspectos icônicos e linguísticos, bem como seus efeitos de sentido.

Sob essa ótica, tomamos como foco norteador do nosso estudo o seguinte questionamento: Em que medida o emprego de determinadas palavras em um contexto específico, no caso, a capa da revista, reflete a ideologia do público leitor e influencia este no que diz respeito à aquisição do periódico? Assim, objetivamos relacionar o nome que intitula as revistas em estudo com suas respectivas chamadas, no que tange às escolhas lexicais e seus efeitos de sentido, bem como, estabelecer uma comparação entre os dois textos em estudo, considerando o público-alvo a que se destinam.

Assim, o nosso estudo enfoca duas revistas, Cláudia (editora Abril, nº 8, ano 47, agosto de 2008) e Atrevida (Editora Escala, nº 168, agosto de 2008), periódicos mensais, de circulação nacional, destinados a públicos diferentes, sobretudo, no que diz respeito à faixa etária. O ponto de destaque são as capas destes periódicos, pois constituem nosso objeto de estudo.

Tomamos como fonte teórica o campo da linguística e os aspectos discursivos imanentes a todo e qualquer texto, vertentes aqui representados por: Bakhtin (2003), Basílio (2006), Costa (2000), Fernandes (2007), Marcuschi (2002), Possenti (2002), Travassos (2003).

O Texto 1 revela que o autor conseguiu seguir os passos do movimento 1: estabelecer um território, no primeiro parágrafo o autor faz generalizações acerca do assunto escolhido e no segundo parágrafo do texto assevera a importância do assunto, ressaltando que: “Este fato despertou-nos para a realização de uma pesquisa destinada ao estudo do gênero textual, mais especificamente a “capa de revista”, pois, se por um lado ainda é pouco abordado [...]”, mas, ainda que tenha seguido os dois primeiros passos do movimento 1, não se constata no texto uma revisão de itens de pesquisas prévias.

E sobre o movimento 2: estabelecer um nicho, constata-se que o autor levanta questionamentos acerca do tema proposto, conforme o passo 1C, ao expor: “Em que medida o emprego de determinadas palavras em um contexto específico, no caso, a capa da revista, reflete a ideologia do público leitor e influencia este no que diz respeito à aquisição do periódico?”, mas, não se constata a presença de argumentos contrários a estudos prévios ou identificação de lacunas no conhecimento e o autor também não menciona se seu trabalho trata-se de uma continuação de tradição.

Acerca do movimento 3: ocupar o nicho, o autor apresenta o objetivo: “[...] objetivamos relacionar o nome que intitula as revistas em estudo com suas respectivas chamadas, no que tange às escolhas lexicais e seus efeitos de sentido, bem como, estabelecer uma comparação entre os dois textos em estudo, considerando o público-alvo a que se destinam [...]”, seguindo, deste modo, o passo 1A. Note-se que o autor ignora os demais passos, já que não fez anúncio sobre a pesquisa que se apresenta, não divulga seus principais resultados e tampouco indica como o artigo é estruturado.

Texto 2

O homem é um ser social, que vive em comunidade e, conseqüentemente, está em constante relação com o mundo e utiliza a língua, entre outros meios, para o estabelecimento da comunicação com o outro. Este imprescindível processo de interação torna insuficiente uma análise da língua tomando-a como objeto formal abstrato, cuja função é a expressão do pensamento, tal como afirma a abordagem linguística formalista. Tal constatação deixa transparecer a necessidade de libertar-se da clausura do sistema e encontrar o extralinguístico, as condições discursivas, enfatizando a língua como um instrumento de interação social, que tem a função de promover a comunicação entre os usuários.

Esta concepção caracteriza a abordagem funcionalista, que, por observar a língua em uso, enaltece o eixo pragmático – semântico – sintático na medida em que busca, na situação comunicativa, a motivação para os fatos linguísticos.

Considerando esta sujeição sintática aos aspectos norteadores do contexto real de comunicação e observando, mais especificamente, a categoria da transitividade verbal, vê-se que esta, abordada tradicionalmente como uma propriedade intrínseca ao verbo enquanto item lexical, adquire, sob um enfoque funcionalista, um novo matiz, uma vez que passa ser vista como um continuum, como um complexo de parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam a efetividade com a qual uma ação se dá e os diferentes ângulos de transferência da ação em uma porção diferente da sentença.

Diante desta abrangência de foco, fruto da necessidade de se trabalhar com dados reais de fala ou escrita recortados de contextos efetivos de comunicação, pretende-se, ao realizar uma análise de cunho funcionalista do gênero capa de revista, observar, principalmente, a relação entre a estruturação das chamadas do referido gênero, ressaltando a propriedade da transitividade, e a tríade objetivo da interação - participantes - contexto discursivo, associando-a ao processo de afetação do leitor e de possível aquisição do periódico. Para realização de tal estudo, optou-se pela escolha das revistas *Atrevida* e *Capricho*, ambas de circulação nacional e direcionadas a um público-leitor, em sua maioria, feminino, de uma mesma faixa etária.

Acerca do movimento 1- estabelecer um território, vê-se que o autor inicia o texto fazendo generalizações sobre o assunto e ressaltando os aspectos sociais do homem baseados na relação que ele estabelece com a língua, o que marca a presença do passo 2. Outrossim, nesta sessão de introdução não se constata a utilização dos passos 1 e 3, pois o autor não declara a importância do assunto em pauta e também não relata sobre dados de pesquisas já realizadas.

Considerando o movimento 2 - estabelecer um nicho, não se apresentam no texto marcas dos três primeiros passos que são expostos pelo movimento 2, pois o autor não oferece argumentos contrários a estudos prévios, não identifica lacunas no conhecimento e não levanta questionamentos acerca da temática que ora se apresenta. É possível destacar, porém, que ao inserir o trecho abaixo, o autor,

referindo-se à “abordagem funcionalista”, segue o passo 1D, continuando uma tradição dos estudos da abordagem a qual se dedica, já que propõe: “[...] pretende-se, ao realizar uma análise de cunho funcionalista do gênero capa de revista, observar, principalmente, a relação entre a estruturação das chamadas do referido gênero, ressaltando a propriedade da transitividade, e a tríade objetivo da interação - participantes - contexto discursivo, associando-a ao processo de afetação do leitor e de possível aquisição do periódico.”.

No que tange ao movimento 3 - ocupar o nicho, observa-se que o autor segue o passo 1A, uma vez que apresenta o objetivo de seu trabalho que é: “[...] realizar uma análise de cunho funcionalista [...]” com vistas a “[...] observar, principalmente a relação entre a estruturação das chamadas do referido gênero [...]”. O autor, tal como no texto apresentado anteriormente, não anuncia a pesquisa, não aponta resultados e também não faz um esboço sobre a estrutura do artigo.

Texto 3

Ainda há muito para se discutir no que diz respeito ao ensino de gramática na escola. No entanto, o progresso alcançado pelas teorias linguísticas vem ocasionando uma grande reviravolta no ensino de Língua Portuguesa. Nessa linha de atuação, a linguagem é uma atividade de produção de significação realizada por interlocutores em interação e veiculada pela língua. Podemos dizer, então, que a língua é concebida como um sistema de representação da atividade de linguagem, sendo esta última uma forma de interação. A partir de uma articulação entre língua e linguagem, estudos linguísticos realizados por meio desta perspectiva visam explicitar as operações de linguagem responsáveis por gerar a significação veiculada pela língua. Segundo Fiorin (2001), a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas.

A linguagem de textos opinativos, por sua vez, também tem o mesmo papel de condensar, cristalizar e refletir as práticas sociais. Esse aspecto abarca uma concepção

de língua norteada por estratégias de argumentação que permeia pontos de vista, resultado das intencionalidades dos enunciadores. Do mesmo modo, o texto jornalístico está voltado para a esfera dos valores éticos, sociais e políticos e, igualmente o emissor utiliza-se de recursos de manipulação disfarçada para convencer o receptor, não deixando transparecer, de forma explícita, suas verdadeiras intenções. A meta deste trabalho, pois, é mostrar como a estratégia de nominalização, em textos opinativos e em textos jornalísticos, é um interessante mecanismo para trabalhar o aspecto semântico textual do substantivo em sala de aula, aspecto este que é esquecido pelos compêndios gramaticais, como também pelos professores.

Analisaremos, destarte, os processos de nominalização em algumas cartas da sessão “Leitor”, da revista Veja, a fim de fazer um paralelo com as reportagens principais as quais aquelas remetem, bem como verificaremos os mecanismos de nominalização presentificadas nas próprias reportagens publicadas. Objetivamos, ainda, identificar se a expressão nominal apresenta caráter neutro ou avaliativo em relação ao enunciado/enunciação, uma vez que, é sabido que uma forma nominalizada permite referência neutra ao processo verbal, sendo, portanto, uma estratégia básica de estruturação textual, em especial por causa da de referência anafórica. Entretanto, a nominalização também pode ter função designadora, avaliativa, em casos que o enunciador utiliza-se do significado básico do verbo para fazer uma interpretação semântica do que foi dito antes, deixando transparecer seu ponto de vista.

Apoiando-nos num quadro teórico já definido pela linguística textual em associação com o conceito de referenciação, oriundo da semântica argumentativa, esta pesquisa busca explicar a ocorrência de estruturas resultantes de nominalização como uma estratégia socialmente trabalhada, dependente de discursos anteriores sobre os quais os interlocutores atuam. A par do exposto, ressaltamos o pensamento de Koch (2004) quando assegura que os segmentos precedentes do texto são encapsulados sob o uso de formas nominais que, conseqüentemente, os transformam em uma entidade discursiva. Ou seja, toda a informação antecedente ou conseqüente

passa a receber uma atribuição lexical, uma rotulação determinada, que a eleva ao estatuto de um referente.

Para operacionalizar o estudo, partimos de um corpus formado por três cartas da seção “Leitor” e a entrevista das “Páginas amarelas” a qual as cartas remetem. A escolha do referido corpus foi originada pelo fato de que essa entrevista motivou 649 leitores a escrever para a redação. Um recorde na história da VEJA.

A nossa pesquisa ainda encontra-se em fase inicial, mas já sinaliza para a eficácia de se trabalhar os processos de nominalização/referenciação como uma forma de contribuir para a competência leitora/escritora do educando. Do ponto de vista prático, as expressões nominais/referencias contribuem e orientam o leitor na construção de sentido, assim como, o conduzem à orientação argumentativa do autor relacionando com a intencionalidade do mesmo.

No texto que se analisa, considerando o movimento 1 - estabelecer um território, vê-se que o autor inicia o texto fazendo generalizações sobre o assunto (passo 2) com que se pretende trabalhar, tomando em consideração a atual conjuntura do assunto tratado: “Ainda há muito para se discutir no que diz respeito ao ensino de gramática na escola. No entanto, o progresso alcançado pelas teorias linguísticas vem ocasionando uma grande reviravolta no ensino de Língua Portuguesa.”. Embora não faça uma revisão acerca de pesquisas previamente realizadas (passo 3) na área de estudo a que se atém o trabalho, ao tempo que apresenta a meta de sua pesquisa assevera de forma crítica sua proposta (passo 1) ao explicar que: “A meta deste trabalho, pois, é mostrar como a estratégia de nominalização, em textos opinativos e em textos jornalísticos, é um interessante mecanismo para trabalhar o aspecto semântico textual do substantivo em sala de aula, aspecto este que é esquecido pelos compêndios gramaticais, como também pelos professores.”.

No que concerne ao movimento 2 - estabelecer um nicho, contata-se que não houve uma apresentação de argumentos contrários a estudos prévios (passo 1A), e

que também não fora levantado nenhum questionamento para problematização do tema (passo 1C). Vale destacar que o autor, em seu texto, identifica de forma crítica as lacunas no conhecimento (passo 1B) que se forma acerca do tema que objetiva tratar, como se vê no trecho: “[...] a estratégia de nominalização [...] é um interessante mecanismo para trabalhar o aspecto semântico textual do substantivo em sala de aula, aspecto este que é esquecido pelos compêndios gramaticais, como também pelos professores.”. O autor, em seu texto, apresenta as bases para formulação de seu trabalho e, desta forma, deixa claro que sua proposta é a de seguir uma tradição de estudos (passo 1D) baseando-se em teorias previamente selecionadas, como se vê no fragmento: “Apoiando-nos num quadro teórico já definido pela linguística textual em associação com o conceito de referencialização, oriundo da semântica argumentativa, esta pesquisa busca explicar a ocorrência de estruturas resultantes de nominalização [...]”.

E quanto ao movimento 3 - ocupar o nicho, percebe-se que em dois momentos distintos o autor esboça os objetivos da pesquisa (passo 1A), ou seja, em um momento ele utiliza-se do verbo mostrar como forma mais ampla de se trabalhar a temática do estudo que se destina a fazer e, logo em seguida, utiliza-se do verbo identificar, que neste caso funcionará como forma específica de tratar o assunto proposto durante o artigo: “[...] mostrar como a estratégia de nominalização, em textos opinativos e em textos jornalísticos, é um interessante mecanismo para trabalhar o aspecto semântico textual do substantivo em sala de aula [...]” e “identificar se a expressão nominal apresenta caráter neutro ou avaliativo em relação ao enunciado/enunciação [...]”.

Através do trecho: “A nossa pesquisa ainda encontra-se em fase inicial, mas já sinaliza para a eficácia de se trabalhar os processos de nominalização/referencialização como uma forma de contribuir para a competência leitora/escritora do educando. Do ponto de vista prático, as expressões nominais/referências contribuem e orientam o leitor na construção de sentido, assim como, o conduzem à orientação argumentativa do autor relacionando com a intencionalidade do mesmo [...]” o autor anuncia os principais resultados do trabalho apresentado (passo 2), embora deixe claro que se

trate de uma pesquisa em andamento. Evidencia-se que o autor, nesta seção, não fez anúncio sobre a pesquisa que irá desenvolver (passo 1B) e também não indicara a estrutura de tópicos que seguiria o artigo (passo 3).

Considerações finais

Ao longo deste estudo viu-se que muitos estudantes recém-chegados ao ambiente acadêmico possuem dificuldades de lidar com o discurso acadêmico, principalmente no âmbito da escrita. Tais dificuldades ocorrem principalmente porque esses alunos detêm pouca familiaridade com textos científicos e, para que possam desempenhar satisfatoriamente as atividades propostas na Universidade, precisam de tempo para se preparar para a produção satisfatória de trabalhos pertinentes ao saber científico, a exemplo dos artigos científicos.

No âmbito de uma proposta de letramento como prática social, as atividades de escrita precisam ser relevantes para os estudantes, pois só desta forma é que as habilidades de escrita podem ser desenvolvidas, ou seja, os estudantes, produzindo seus textos científicos necessitam, sobretudo, saber qual a finalidade deste texto, quem será seu interlocutor, onde ele será veiculado etc.

Através da análise dos textos constatou-se que a habilidade de escrita do estudante em questão foi-se desenvolvendo ao longo do tempo, pois seus textos vão ficando cada vez mais cheios de informação e as noções de propósito comunicativo também vão sendo aprimoradas e isto se dá, sobretudo, pelo fato deste estudante ter-se inteirado do discurso acadêmico ao longo do tempo, até que sua escrita estivesse totalmente integrada ao contexto e as dificuldades fossem, aos poucos, sendo superadas.

É importante considerar também que o letramento não é uma habilidade que pode ser ensinada seguindo uma série de passos. Tal como propõe Zavala (2010), o letramento é algo em constante processo de evolução, necessitando que os

estudantes observem e interajam com os participantes de um contexto específico até que as práticas sociais que permeiam este contexto se tornem naturais a eles.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

HOFFNAGEL, J. C. A narrativa como lugar da expressão de identidade social. In: HOFFNAGEL, J. C. **Temas em antropologia e linguística**. Recife: Bagaço, 2010. p. 63-79.

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua Materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196> Acesso em: 10/06/2015.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf. Acesso em 27 de Julho de 2015.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEIBRUDER, A. P. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000.

ARCUSCHI, L. A. Processos de produção textual. In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, R. C. M. **Ateliê de gêneros acadêmicos: didatização e construção de saberes**. João Pessoa: Ideia, 2014.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and researching settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SOUSA, S. C. T. Escrita acadêmica no ensino superior: um estudo em introduções de artigos científicos de alunos de graduação. In: PEREIRA, R. C. M. **Ateliê de gêneros acadêmicos**: didatização e construção de saberes. João Pessoa: Ideia, 2014. P. 315-346.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. In: Vóvio, Claudia. Sito, Luanda. De Grande, Paula. **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.